



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2006

Claudia Andujar

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/50392>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

27a. BIENAL DE SÃO PAULO COMO VIVER JUNTO [HOW TO LIVE TOGETHER]

curadora geral [chief curator]

co-curadores [co-curators]

curador convidado [guest curator]

Lisette Lagnado

Adriano Pedrosa

Cristina Freire

José Roca

Rosa Martínez

Jochen Volz

[Helouise Costa] Há algum ponto de partida que você possa sugerir para alguém que esteja entrando em contato com o seu trabalho pela primeira vez? Ao longo dos anos o meu trabalho veio se transformando naturalmente em virtude de certos desafios, mas o fundamental é que ele se constitui em uma reflexão a respeito das condições de vida do ser humano. É isso que me dá razão de viver. A arte privilegia a busca de uma linguagem autoral e a tentativa de entender o mundo. Espero que o meu trabalho propicie algum tipo de resposta para quem entra em contato com ele pela primeira vez.

Você poderia descrever o projeto que apresentará na 27a. Bienal? São imagens de índios Yanomami, feitas entre 1981 e 1983, em comunidades que tinham pouco contato com o mundo ao seu redor. Quando nos anos 1970 seu território foi invadido, a preocupação com a saúde tornou-se fundamental. Para um projeto básico de prevenção e vacinação era preciso registrar os dados coletados sobre os índios em fichas cadastrais. Nessa ocasião assumi a tarefa de acompanhar alguns médicos e fotografar os índios com números de identificação. Como os Yanomami, por cultura, não têm nome, essa foi a maneira que encontramos de contornar o problema. São esses retratos que apresento ao público da Bienal.

Essas imagens lembram registros policiais ou de campos de prisioneiros. Você justifica, no entanto, que elas não tratam de invasão, mas de resgate. Elas remetem a duas situações: resgate e invasão. Era uma forma de controle sobre a morte e, ao mesmo tempo, uma invasão cultural em relação às pessoas. Não se trata, porém, de gente prestes a ser sacrificada. Se suprimirmos os números das imagens, não temos uma visão de agressão.

Qual o objetivo de expor na Bienal um tipo de fotografia que tinha a função original de controle? Essas imagens têm um significado simbólico forte. Nesse momento da nossa história é fundamental colocar em discussão o respeito à diversidade, o respeito pelo outro. Muitas atitudes que nos norteiam com relação aos outros precisam ser questionadas. Espero conseguir algum tipo de reflexão sobre o modo como podemos viver juntos. Talvez essa seja a pergunta mais significativa que se possa formular hoje. No caso de populações como os Yanomami, será que querem viver junto? De que maneira? Será que são respeitados em sua diversidade cultural e necessidades de vida? É uma provocação que faço.

[Helouise Costa] Can you suggest a point of departure for someone coming into contact with your work for the first time? Over the years my work has transformed naturally as a result of certain challenges, but the main thing is that it is a reflection on the living conditions of human beings. This is what gives me a reason to live. Art privileges the search for an authorial language and an attempt to understand the world. I hope my work provides some kind of answer for those coming into contact with it for the first time.

Could you describe the project you'll be presenting at the 27th Bienal? They are images of Yanomami Indians, taken between 1981 and 1983, in communities that had little contact with the world around them. When their territory was invaded in the 1970s, health concerns came to be of utmost importance. In order to implement a basic project for vaccination and the prevention of illness, data on the Indians had to be recorded on registration forms. On this occasion I took on the task of accompanying some doctors and photographing the Indians with their identification numbers. Since they don't have names in the Yanomami culture, this was how we managed to get around the problem. These are the portraits I present to the Bienal audience.

These images remind one of mug shots or photos of people in prison camps. You state, however, that they are not invasion, but rescue. They suggest both situations: rescue and invasion. It was a way of controlling the death toll, but at the same time a cultural invasion as far as the people were concerned. They weren't, however, people about to be sacrificed. If we were to suppress the numbers in the images, we would not have a vision of aggression.

What is your objective in showing at the Bienal a kind of photography the original purpose of which was control? These images have a strong symbolic meaning. At this moment in our history it is fundamental that we put respect for diversity and for the others on the agenda. Many attitudes that guide us with respect to others need to be questioned. I hope to encourage some kind of reflection on how we can live together. This is perhaps the most significant question one can ask today. In the case of populations like the Yanomami, do they really want to live together? In what way? Are they respected in their cultural diversity and basic needs? This is my provocation.